



MARTINS, J. Um Enfoque Fenomenológico do Currículo: educação como poiésis. Organização do Texto Vitória Helena Cunha. São Paulo: Cortez, 1992.¹

Por Renata C. Geromel Meneghetti²

O autor se propõe sair das concepções correntes do currículo, conforme foram vistas tanto por pragmatistas, instrumentalistas, funcionalistas, pela Pedagogia Crítica como pelo Marxismo, na tentativa de encontrar outra possibilidade de trabalhar o currículo. Busca, então, iluminar a idéia de currículo e, utilizando os recursos de fenomenologia, procura tornar visível o que está oculto.

O autor localiza o homem contemporâneo como um ser alienado, anônimo, vivendo num universo sem significados e que está em desespero.

Entre os enfoques contemporâneos da Educação com vista ao currículo, o autor destaca: ênfase numa filosofia pública de educação, uma filosofia de educação fundamentada na fenomenologia e uma filosofia profissional de educação.

Analisa esses três enfoques, mostrando também a possibilidade de inter-relacioná-los, como fizeram Platão, Sócrates e Rousseau, este último em sua obra “O Emílio” (1951).

Analisa historicamente a construção e a fragmentação do currículo, bem como os modelos curriculares que surgiram no século XX.

Em relação ao currículo no Brasil, o autor diz que, nas escolas públicas e em grande parte nas escolas particulares, o currículo atualmente é visto numa perspectiva de departamentalização, como um conjunto de disciplinas organizadas em ordem seqüencial e de pré-requisitos definidos pelo governo através de suas agências responsáveis pela educação.

¹ Digitalizado por Adailton Alves da Silva e Marcos Lübeck, alunos do Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática da Universidade Estadual Paulista, campus de Rio Claro.

² Aluna do mestrado em Educação Matemática – IGCE – UNESP – Rio Claro.

Segundo o autor, as várias visões filosófico-educacionais no Brasil, a respeito de currículo, não repercutiram em resultados satisfatórios para a educação brasileira.

Assim, Martins diz que currículo não é uma construção fácil sobre a qual se possa falar ou sobre a qual seja simples teorizar. Para ele, trata-se de um fazer-filosófico-educacional de forma que um caminho se defina para a tarefa da educação.

Propõe, então, que se pense a questão curricular na sua acepção mais ampla de educação, ou seja, em uma perspectiva fenomenológica.

Para tal propósito, o autor esclarece e faz reflexões a respeito dos pontos fundamentais da fenomenologia; entre esses, a trajetória metodológica, a idéia de essência e de intencionalidade.

Para Martins, alguns aspectos se projetam e se tornam evidentes no pensamento dos fenomenólogos:

- (i) Não é possível fazer fenomenologia sem uma crença na importância e primazia de consciência subjetiva;
- (ii) É preciso compreender a consciência como atribuidora ativa de significados;
- (iii) Há estruturas essenciais de consciência que podem ser conhecidas diretamente, através de uma certa forma de reflexão.

Esses três aspectos são analisados pelo autor e, concomitantemente, é feita uma reflexão sobre a importância dos mesmos para a Educação.

De acordo com Martins, dizer que a consciência tem uma estrutura essencial significa que ela essencialmente tem a possibilidade de ver as coisas que são novas e interrogá-las. Nesta perspectiva, para a fenomenologia, a idéia de currículo envolve o reconhecimento de uma primazia própria ao humano, a de desenvolver talentos e capacidades que se fundamentam na liberdade de agir. Deve-se zelar, ainda, para que a partir do conhecimento e dos sentimentos sejam formadas atitudes que, como um todo, deverão influir harmoniosamente para a abertura do ser na sua plenitude.

Considerando-se educar como cuidado para que o ser possa viver na plenitude de sua existência, a trajetória do aluno a ser percorrida na escola deverá ser vista como um projeto pedagógico, ou seja, um caminho a ser trilhado. Nesse enfoque é que o currículo deverá ser enfatizado como construção cultural, e isto envolve artes, experiências vividas e registradas na história, visões de mundo, expressões, estilos e símbolos que são usados por um povo, conhecimentos e conceitos que contêm um

potencial poderoso a ser outorgado às novas gerações. Ver o currículo como construção cultural implica ver a escola como um lugar especial, espaço que tem existência e um ser próprio e que não está, aí, apenas presente. Consiste em nos vermos como homens, existindo diante de outros, com um pensar e uma história próprios. Consiste, ainda, em nos compreendermos existindo naquilo que fazemos na escola enquanto partícipes da obra educacional, analisa o autor.

Martins enfatiza, ainda, que o homem não é por natureza aquilo que está destinado a ser e, como ser de possibilidades, necessita construir-se na sua humanidade, o que se realiza através do ato de educar, propriamente dito.

Além disso, diz ele, o sujeito “educado”, ou a consciência cultivada, possui um sentido de ver, de olhar que já é um sentido universal, abrangendo toda uma esfera que permanece aberta a um campo já percebido. A consciência cultivada, além dos sentidos naturais que se acham estanques e limitados, busca cada vez mais desenvolver um “sentido universal” de mundo.

A compreensão é um ponto fundamental nesta abordagem de currículo, onde compreender é um estado constante de projeção em direção às diversas possibilidades que vão sendo despertadas, à medida que o homem se encontra com o mundo e o interroga. Projetar é lançar-se para a frente em direção às possibilidades que nem sempre podem ser percebidas a priori.

Não haverá, pois, a preocupação em ensinar coisa alguma a ninguém, nem a pretensão de pensar que alguém ensine alguma coisa a alguém. O ser humano é visto como um ser-no-mundo e nunca de outra forma. Como tal, o homem pretende ver-se sempre além de onde está, isto é, saindo de áreas de apropriação, produzindo novos conhecimentos a partir da própria experiência.

Para Martins, é este poder de produzir instrumentos, imaginar situações que se constitui na premissa básica de currículo, numa visão fenomenológica. Não haverá, como muito se vê ainda hoje, um modelo prévio de como construir currículo.

Para o autor, aprender numa perspectiva fenomenológica consiste na possibilidade que tem o humano de tomar consciência da necessidade de reorganizar um projeto pessoal baseado na discrepância que percebe existir entre o que este sabe e a compreensão das ações do outros (pais, professores, amigos), em termos do projeto na mesma situação. Manifesta-se, também, na descoberta do sujeito de que ele, na situação

de aprendizagem, está vivendo pré-reflexivamente, de forma conflitiva, diferentes papéis e que existem outros que lhe são preferidos de forma não ambígua.

O autor conclui que, no enfoque da fenomenologia, o currículo é a própria vida de pessoa numa situação de mundo – o mundo da educação – lugar onde estão localizadas a escola, a comunidade, a natureza. Tudo isto dentro de sua concepção de consciência de ... e da atribuição de significados por essa consciência. Constitui-se na produção de conhecimento a partir do experienciado, isto é, do vivido pelo sujeito, considerado como um ser transformador, ou seja, de um ser que trans-faz e não apenas reproduz.

Além disso, nos anexos, o autor apresenta uma tentativa hermenêutica de buscar a evolução semântica do termo currículo, a partir do léxico. Conseqüentemente, apresenta uma tentativa de definição de currículo que veio a se tornar usual. Expõe, também, seu pensamento a respeito da finalidade, das áreas de estudo, do conteúdo e dos elaboradores do curriculum.

O âmbito em que o autor propõe o tratamento curricular é de fundamental importância para educação. Nos últimos tempos, o currículo é concebido como peça primordial da educação escolar. Ele tem sido visto como uma grade curricular, implicando objetivos e suas operacionalizações. Assim, ao refletirmos sobre o currículo, estamos necessariamente refletindo sobre o processo de ensino e toda a sua problematização.

Martins propõe pensar o currículo como um viver a educação. Conceber o currículo de tal maneira requer dos educadores uma nova postura perante a educação. É necessário que pensemos nesta, não apenas numa única perspectiva, mas sob várias perspectivas. Tal atitude implica sairmos do estático, do irrefletido, do incompreendido e atuarmos como um ser que trans-faz o conhecimento.